

Os abismos e as alturas da existência

O espetáculo “De ponta cabeça talvez eu esqueça”, idealizado por Paty Beghetto e Paola Gonçalves, apresenta-se como uma fusão íntima entre o circo, o teatro físico e a música, construindo uma narrativa visual que transforma as inquietações existenciais da protagonista em uma experiência sensorial. Com dramaturgia e atuação de Paty Beghetto e a direção provocadora de Paola Gonçalves, a montagem dialoga com as camadas emocionais do público enquanto explora o caos inerente à condição humana.

A peça é construída em torno da dualidade entre a leveza das acrobacias e o peso dos dilemas existenciais da personagem. A cenografia minimalista, de Dagmar Siqueira, sugere a fragilidade da mente humana, mas também funciona como uma extensão do corpo da intérprete. O espaço cênico reflete a complexidade do pensamento: às vezes vasto e indomado, às vezes opressivo e restritivo.

O elemento central da cenografia – um grande sofá que engole e distorce a atriz – é uma das imagens mais marcantes do espetáculo. Inspirado pelas formas e atmosferas oníricas das obras de Salvador Dalí, o sofá transforma-se em uma entidade viva, ora refúgio, ora ameaça. Seu design surrealista evoca os objetos antropomorfizados de Dalí, como o Mae West Lips Sofa, reimaginado aqui como um elemento de ação cênica que molda o espaço e a narrativa.

Quando o sofá “engole” a protagonista, cria uma metáfora visual para a sensação de ser consumida pelos próprios pensamentos e ansiedades. A imagem da atriz sendo sugada por esse objeto ressoa com o sentimento de impotência diante do caos interno, enquanto sua luta para emergir novamente simboliza a busca por equilíbrio e controle. O jogo de distorções físicas que o sofá possibilita cria imagens que oscilam entre o grotesco e o poético, desafiando o público a refletir sobre as próprias fragilidades.

Os objetos introduzidos em cena aparecem como resquícios de uma memória fragmentada, compondo um mosaico que a protagonista tenta decifrar ao longo da narrativa. Essa metamorfose visual traduz a relação instável entre a personagem e suas memórias, como se fossem recordações que não se permitem ser completamente compreendidas ou controladas. Esses objetos – como xícaras e livros – surgem como pistas de uma história interrompida. Esses elementos remetem às imagens fragmentárias.

A iluminação criada por Feu de Andrade desempenha um papel fundamental na construção da narrativa visual, funcionando como um fio condutor emocional que transforma o palco em um espaço dinâmico, onde o surrealismo, o caos e a introspecção coexistem. A luz não apenas ilumina os elementos cênicos – como o grande sofá surrealista –, mas molda sensações, cria atmosferas e amplia o impacto simbólico das ações em cena. Desde os primeiros momentos do espetáculo, a luz revela-se inquieta e mutável, espelhando o tumulto emocional da protagonista.

Rafael Braga, com sua música ao vivo, estabelece um diálogo direto com a fisicalidade de Paty Beghetto e os objetos em cena. Sua trilha sonora acompanha os momentos de tensão, como quando o sofá engole a atriz, com notas dissonantes que acentuam a sensação de desconforto. Em outros momentos, seus acordes se tornam o fio condutor para os movimentos de Beghetto, oferecendo um contraste sonoro que alivia a densidade emocional.

Essa contracenação entre música e performance não apenas potencializa as imagens, mas também cria um espaço emocional compartilhado, onde público e artista transitam juntos entre o estranhamento e a identificação.

A escolha do circo e da comicidade como linguagem visual do espetáculo é um acerto potente. As acrobacias, realizadas com destreza e carga emocional, vão além da demonstração de técnica: elas traduzem o estado emocional da protagonista. A sensação de instabilidade ao se equilibrar ou a vertigem ao girar no ar não são meras

metáforas visuais, mas experiências compartilhadas com o público, que é levado a sentir o peso dessas dúvidas existenciais em seus próprios corpos.

O uso do tecido acrobático, por exemplo, simboliza a busca por equilíbrio em meio ao caos, enquanto as quedas e subidas constantes refletem a oscilação entre momentos de clareza e confusão. A fisicalidade de Paty Beghetto transmite autenticidade e vulnerabilidade, ampliando a empatia do espectador.

A resolução da narrativa, em que a protagonista descobre no amor a chave para suas inquietações, é marcada por uma transição estética. A iluminação, antes sombria e inquietante, torna-se mais calorosa, sugerindo um renascimento emocional. Essa mudança, embora simbólica, evita o sentimentalismo ao permanecer conectada ao universo poético do espetáculo. O amor, aqui, é menos uma resposta simplista e mais uma aceitação do caos como parte integral da existência.

“De ponta cabeça talvez eu esqueça” é um espetáculo que aproxima o público ao usar as linguagens do circo e do teatro físico para explorar questões profundas sobre a condição humana. A parceria entre Paty Beghetto, Paola Gonçalves e a equipe criativa resulta em uma obra poética, que convida o público a abraçar a vulnerabilidade e a incerteza da vida.

A visualidade da montagem é uma expressão de seu tema central: o caos, mesmo quando desafiador, pode ser belo e transformador. É uma celebração do corpo, da mente e do coração, que encontra no palco e na força do coletivo o espaço ideal para refletir sobre os abismos e as alturas da existência.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura